

LASSALLE E O FRACASSO DA REVOLUÇÃO ALEMÃ DE 1919¹

Claudio REIS²

RESUMO

A derrota da revolução socialista alemã de 1919, enquadra-se entre as maiores sofridas pelo movimento comunista mundial. Tendo em vista a Revolução Russa de 1917, a Alemanha era considerada um país chave para a revolução mundial, já que ela representava a porta de entrada para a revolução soviética na Europa. Os motivos dessa derrota foram: do ponto de vista econômico, o surgimento do imperialismo que ampliou o fortalecimento do capital; do ponto de vista político, a luta reformista, inspirada nas leis naturais do positivismo; e do ponto de vista filosófico, as idéias de Ferdinand Lassalle, fortalecendo o nacionalismo e a manutenção de um certo tipo de Estado. Lassalle afirmava que o Estado deveria controlar a economia e ainda possuir uma configuração política de cunho democrático, baseada no sufrágio universal. Além disso, para ele o socialismo deveria ficar restrito apenas à Alemanha. Numa primeira observação, pode-se afirmar que Lassalle foi um dos principais referenciais teóricos da social-democracia alemã atuante na contra-revolução de 1919.

Palavras-chave: Lassalle. Social-Democracia Alemã. Revolução Alemã de 1919.

Lassalle e o socialismo alemão

Lassalle representou uma vertente do movimento socialista do século XIX, bastante fecunda no seu país de origem: a Alemanha. No geral suas idéias eram claramente opostas aos princípios defendidos por Marx e Engels. Uma das principais divergências que marcaram os conflitos entre essas duas correntes político-filosóficas, girou em torno das dimensões do socialismo. Diferentemente de Marx e Engels, Lassalle argumentava a favor do socialismo restrito ao terreno nacional. Para ele, o que realmente interessava para o proletariado da Alemanha, condizia com as leis internas do Estado alemão. Portanto, toda sua organização deveria possuir como horizonte de luta, apenas os marcos territoriais de

¹ Este trabalho é parte de um estudo feito para concluir o curso de Bacharel em Ciências Sociais. Seu título é “Dilemas entre o nacional e o internacional: Marx aos soviéticos.”

² Discente do 5º ano do curso de Ciências Sociais (e-mail: reiscl@yahoo.com.br, tendo como orientador o Prof. Dr. Marcos Tadeu Del Roio (e-mail: delroio@terra.com.br) - Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, CEP 17525-900, São Paulo – Brasil.

seu país, contrariando, desta forma, todo o internacionalismo proletário defendido por Marx e Engels. Tais divergências serão melhor analisadas mais adiante.

Um fato importante a ser notado é que na época de Lassalle, o espaço territorial alemão ainda não obtinha a unidade. Assim, a fragmentação em diversos Estados, ainda era a sua principal característica. Lassalle se demonstrava bastante incomodado com tal situação, de modo que a unificação da Alemanha, na sua opinião, configurava-se como um dos principais objetivos do movimento socialista alemão. Para tanto, a Prússia – em sua opinião, a região mais desenvolvida economicamente – apresentava-se como protagonista nessa tarefa. Toda a importância dada por ele para a necessidade de se unir a Alemanha, na verdade, era acompanhada pela profunda supervalorização nacional presente em seu modo de pensar. Para este autor, o movimento nacional assumia tanta importância quanto o próprio socialismo. Para alcançar êxito em tal empreitada, aceitava alianças até mesmo com os setores conservadores e dominantes de seu país.

Se Lassalle, em 1859, pensava ser a Prússia a única força que poderia efetivamente unificar a Alemanha, seria lógico que mais tarde considerasse possível persuadir Bismarck a introduzir as mudanças sociais que as classes médias pareciam incapazes de realizar. O grau no qual o movimento dos trabalhadores alemães foi influenciado por sentimentos nacionalistas deve ser ressaltado nesse estágio. (MACKENZIE, 1967, p. 65)

Anos mais tarde, após sua morte, descobriu-se que Lassalle de fato possuía um canal de contato direto com Bismarck.

Muito do que era defendido por ele, tinha como origem filosófica as idéias do grande pensador alemão Fichte. Este filósofo defendia um socialismo moral, carregado de misticismo. Para Fichte, o homem era inteiramente livre, plena e divinamente livre. No entanto, em sua opinião o homem isoladamente não poderia concretamente ser livre, permanecendo assim escravo da natureza. A não ser que possuísse uma certa propriedade, quer dizer, um determinado campo de ação e isso somente o socialismo poderia criar, instaurando assim a dignidade humana. Em Fichte não se percebe uma maior preocupação com a história, ou ainda, com o seu movimento. A presença do idealismo era bastante evidente.

A figura do Estado também era central nas idéias desse alemão. A função social que o poder estatal deveria desempenhar, convergia para a centralização e o controle das relações entre os indivíduos. Segundo dizia, o Estado deveria “determinar a qualidade e o preço dos produtos, do que se deduz que o Estado supervisiona constantemente a produção e que os cidadãos, em parte patrões, estão igualmente em parte a serviço da administração pública.” (JUARÉS, 1967, p. 83) Aqui o Estado surge como uma entidade reguladora dos conflitos e das contradições, sem, todavia, representar nenhuma classe social. Portanto, ele assume um caráter de neutralidade diante da sociedade, pronto a satisfazer as necessidades de todos. Um outro ponto importante, é que, de acordo com o pensamento de Fichte, o sistema impulsionador da emancipação dos indivíduos deveria conter-se em âmbitos nacionais, ou seja, o internacionalismo não possui maior significado em sua obra.

Todos esses aspectos, de algum modo, foram incorporados por Lassalle. Este absorveu amplamente os pressupostos teóricos do mestre do socialismo moral. Lassalle espera “como Fichte, que o Estado fixe a medida do valor dos preços; como Fichte, não preconiza o socialismo internacional, senão o socialismo nacional, para que se instaure a justiça na Alemanha...” (JUARÉS, 1967, p. 87) Tanto um quanto o outro estavam preocupados, antes de tudo, com a realidade alemã. Mesmo que cada um a seu modo – Fichte ainda restrito ao idealismo, Lassalle já demonstrando contato com o materialismo histórico – todas as suas atenções restringiam-se aos problemas da Alemanha.

Para Ferdinand Lassalle (1969), uma das principais reivindicações que se colocava para o movimento progressista da Alemanha, referia-se a implantação de uma Constituição Democrática. Durante o período das revoluções européias das décadas de 1830 e 40, em especial, no caso alemão, boa parte das insurreições possuía como meta prioritária a instalação de uma Constituição que contemplasse a maioria dos cidadãos, ou melhor dizendo, o sufrágio universal.

Em seu texto *Que é uma constituição?*, Lassalle (1969) além de tentar explicar conceitualmente o significado desse conjunto de leis e normas de uma determinada nação, busca também demonstrar que ela é uma importante maneira do Estado resolver e pacificar os problemas sociais de uma realidade nacional, revelando assim suas conseqüências para a

vida prática dos homens. E aqui é necessário ressaltar que o seu cenário histórico são as lutas políticas que marcaram a Alemanha na "Primavera dos Povos".

Além disso, o autor propõe que a Constituição não se funda somente sob uma simples formulação jurídica, pois na verdade a sua existência também emerge das relações de poder, ou como o próprio diz, dos "fatores reais de poder". Segundo afirmava, essas relações de poder possuem como matriz a existência e, ao mesmo tempo, o choque de diferentes classes sociais. Por isso, ele acreditava ser a Constituição um meio fundamental para a harmonia de uma nação: a "Constituição não é uma lei como as outras, é uma lei fundamental da Nação." (LASSALLE, 1969, p.20). Em outros momentos, ele ainda diz:

Da mesma forma, e pela mesma lei da necessidade que todo corpo tem uma constituição própria, boa ou má, estruturada de uma ou de outra forma, todo país tem, necessariamente, uma constituição real e efetiva, pois é não possível imaginar uma nação onde não existam os fatores reais do poder, quaisquer que eles sejam. (LASSALLE, 1969, p.77)

A luta de classes, portanto, no pensamento desse autor não adquire uma perspectiva de fim, pois ao que tudo indica a disputa pelo poder sempre existirá. Por isso, o Estado, a Constituição e o sufrágio universal, são tão importantes para os trabalhadores. No entanto, o ponto decisivo da constituição democrática na Alemanha, correspondia ao fato de que ela provocava o poder centralizador, fundamental para a unificação dos seus Estados autônomos.

Como já frisamos anteriormente, a unificação alemã se caracterizou como sendo um dos problemas centrais para o movimento socialista liderado por Lassalle. Mesmo possuindo uma burguesia em certa medida desenvolvida, os andamentos da economia e da política ainda sofriam amplos obstáculos devido aos resquícios feudais presentes no território alemão. A explicação para isso, reside na debilidade revolucionária da própria classe burguesa que era tímida, pusilânime e indecisa, disposta, quando necessário, a lutar ao lado dos latifundiários, contra as massas populares.

Parte desse aspecto vacilante da burguesia alemã, tinha como origem a grande força que o movimento operário desse país adquirira durante a primeira metade do século XIX. Assim, com medo de pôr em risco os seus privilégios, a burguesia preferiu não se comprometer em nenhuma ação mais radical. As insurreições – de 1844 na Silésia, de 1848

em praticamente todo território alemão, 1849 em Dresden, etc. – da classe operária, denunciava com clareza não apenas a sua força, mas também o alto grau de independência que seu movimento havia alcançado.

Como se sabe, o proletariado alemão acabou sendo derrotado em tais lutas, o que não evitou, todavia, o seu crescimento principalmente no campo da participação política. Em finais do século XIX, o partido da classe operária alemã já era considerado o maior do país. Esse crescimento está intimamente ligado às idéias de Lassalle que, mesmo depois de sua morte em 1864, continuou influenciando os trabalhadores. Sob suas idéias, o proletariado alemão acreditava na via pacífica para a conquista do Estado, quer dizer, por meio da maioria dos votos.

Como até agora foi possível perceber, o caminho seguido pelo movimento socialista alemão de tendência lassalleana defendia além de uma atuação política, também um socialismo, limitados ao espaço territorial da Alemanha.

Lassalle em oposição a Marx e Engels

Mesmo trabalhando juntos em 1848, Marx e Lassalle foram, com o passar dos anos, distanciando-se cada vez mais. Em consequência de suas divergências, é que ocorre a ruptura entre as tendências marxiana e lassalleana. Como exemplo dessa separação, pode-se lembrar a não participação da corrente lassalleana na Associação Internacional dos Trabalhadores, também conhecida como I Internacional, em muito, graças à figura de Marx que exercia uma papel destacável.

Na guerra entre a França e a Áustria, ocorrida em 1859, Marx e Lassalle expuseram suas divergências da seguinte forma: para o entendimento lassalleano – que desejava a todo custo a unidade nacional *em si* da Alemanha – o vencedor deveria ser o povo francês; Marx, contudo, percebia o “perigo de intervenção russa ao lado da França, e nessa perspectiva esperava uma guerra revolucionária do povo alemão na qual os elementos progressistas se salientariam, unificando e democratizando a frágil confederação.” (MACKENZIE, 1967, p. 65) .

Para Lassalle, como se sabe, a unificação da Alemanha possuía como força impulsionadora a Prússia, que foi uma idéia bastante rejeitada por Marx e Engels. Para eles, a unificação da Alemanha pela Prússia era pior do que nenhuma unidade. Estes dois também percebiam a necessidade de se unificar o território alemão, a diferença estava que eles, ao contrário de Lassalle, não acreditavam ser suficiente, para a construção do socialismo alemão, somente a unidade nacional.

Em certos momentos, Lassalle também soube se opor aos grupos liberais que há tempos havia se associado. Nesse sentido, em 1862, dirige sua famosa *Carta Aberta*, propondo a construção de um partido operário independente e sugerindo ao proletariado alemão a não possibilidade de se aspirar qualquer melhoria de condições sociais no sistema em que vivia. Isto porque, a "lei de ferro dos salários" impedia o desenvolvimento igualitário da classe trabalhadora, quer dizer, enquanto para alguns os salários aumentam, para outros inevitavelmente reduzem. Por isso Lassalle propôs, como solução, a criação de associações cooperativas sob controle de um Estado fundado no sufrágio universal, no qual todos os trabalhadores receberiam o produto integral de seu trabalho. Tais idéias foram inteiramente aceitas por grande parte do movimento socialista alemão que, em maio de 1863, cria a Associação Universal de Trabalhadores Alemães, sendo a principal reivindicação o sufrágio universal. Até agosto de 1864, ano de sua morte, Lassalle viajou por toda Alemanha, realizando grandes palestras aos trabalhadores e consolidando as bases do movimento socialista nacional.

Marx não aceitava o pensamento de que apenas com o sufrágio universal, os operários alemães conseguiriam transformar o sistema social. Por outro lado, Marx também não apoiava a idéia de uma possível aliança com Bismarck, defendida por Lassalle. De acordo com a leitura marxiana, os trabalhadores alemães deveriam, quando necessário, apoiar os liberais, contra Bismarck e a reação prussiana.

Com a publicação dos contatos entre Lassalle e Bismarck, nos quais se afirmavam trocas de favores, a ruptura das duas tendências explicitou-se, pois para Marx e Engels, isto era extremamente prejudicial ao socialismo na Alemanha.

Na passagem das décadas de 1860-70, o movimento socialista alemão já concentrava duas forças opostas, claramente perceptíveis: de um lado os lassalleanos,

liderados por Schweitzer, de outro, os marxistas, representados por Liebknecht e August Bebel – sendo estes últimos, importantes figuras na fundação do Partido Social-Democrata Alemão, surgido em 1875.

Durante a primeira metade da década de 1870, as duas correntes cresceram bastante, principalmente a marxista. No entanto, isso significou perseguições políticas, por parte das autoridades alemãs, contribuindo para uma possível aliança. Marx e Engels, entretanto, demonstravam sérias reservas a tal união. Devido a essa postura, os dois ficaram excluídos do processo de unificação. A tendência marxista da Alemanha preferiu ocultá-los. Somente as vésperas do congresso sediado em Gotha – no qual seria definido o trabalho conjunto entre lassalleanos e marxistas – é que Marx e Engels tomaram conhecimento dos documentos formulados pelos interessados. Nesse momento, descobriu-se o quanto de concessão os marxistas tinham feito aos lassalleanos. Um dos pontos criticados por Marx, em relação a este programa, dizia respeito a debilitada perspectiva de luta conjunta e efetiva entre os trabalhadores de diferentes países.

Tal desagrado por parte de Marx, resultou na publicação de seu texto *Crítica ao Programa de Gotha*, no qual reforça ainda mais as fragilidades do movimento socialista seguidor de Lassalle. Marx expõe neste texto, entre outras coisas, o seguinte: “Contrariando ao Manifesto Comunista e a todo o socialismo anterior, Lassalle tinha concebido o movimento operário do ponto de vista mais estreitamente nacional.”(MARX, 2002)

A luta política lassalleana, segundo os olhos de Marx, ainda estava limitada ao campo das nacionalidades, quer dizer, ainda estava presa às perspectivas burguesas.

Mesmo depois de sua morte, em 1864, Lassalle continuou influenciando a vida política da Alemanha. Suas concepções de Estado, de luta política, das dimensões espaciais do socialismo; foram absorvidas pela maioria do Partido Social-Democrata Alemão. Portanto, aquele que viria a ser o maior partido da II Internacional estava, de alguma forma, respirando as idéias de Ferdinand Lassalle.

Lassalle e a "aristocracia operária"

Lênin (1979), em seu texto sobre o imperialismo, faz duras críticas ao movimento

socialista da II Internacional, descrevendo-o como oportunista e nacionalista. No entanto, a sua denúncia abrange fundamentalmente os aspectos econômicos da questão. Para ele, o surgimento da "aristocracia operária", somente foi possível no período imperialista do capitalismo, pois é quando parte das riquezas das burguesias nacionais passam a ser distribuídas entre uma minoria da classe operária, com o intuito de enfraquecer e fragmentar as massas trabalhadoras. Completando o entendimento de Lenin, pode-se dizer que no plano político-filosófico, uma das raízes do socialchovinismo e do oportunismo, está situada no pensamento de Ferdinand Lassalle.

Como já propusemos, este alemão – com sua convicção no socialismo nacional e na luta política via reformas – influenciou decisivamente boa parte da corrente socialista alemã. Aliás a própria Social-Democracia Alemã – que na virada do século XIX para o XX já se afirmava como o maior partido político da Alemanha e um dos maiores do mundo – absorveu bastante os pressupostos lassalleanos. Seus seguidores continuaram a subordinar as aspirações socialistas ou de classe aos interesses da pátria unida. A mistura em Lassalle de “chauvinismo e progresso social tornou-se uma formula atraente, embora perigosa [...] Foi aplicada com sucesso dentro da Alemanha em todos os momentos críticos, desde o tempo de Bismarck [...]” (MACKENZIE, 1967, p. 67) .

Sem dúvida, a Primeira Guerra Mundial (1914-18) foi um desses períodos de crise social, no qual através do discurso nacionalista a burguesia dos países envolvidos, principal beneficiada com conflito, disseminou, com ajuda da "aristocracia operária", a idéia abstrata de que a luta pela nação era dever de todos. Portanto, à medida que Lenin combate a II Internacional, condenando a sua política nacionalista e contra-revolucionária, indiretamente faz também a crítica ao pensador alemão Ferdinand Lassalle. Se o sentido de ser da guerra imperialista condizia com a luta pelos privilégios das nações imperialistas, visando uma nova repartição das colônias entre si, e se importantes grupos do movimento operário partilhavam de parte dos benefícios nacionais conquistados e concentrados pela burguesia, se realmente isto acontecia, não há dúvida de que a atitude "natural" desses "aristocratas" seria o apoio à guerra.

Para os representantes das burguesias das principais potências imperialistas, os social-democratas da II Internacional deveriam despojar-se das idéias internacionalistas,

utópicas e revolucionárias, em prol de um partido nacional patriótico. E defender o bem de uma nação beligerante e imperialista, era o mesmo que apoiar a conquista de novas colônias.

Processo revolucionário alemão de 1918-19

Mesmo sabendo da existência de importantes tentativas de controle social por parte da classe operária em vários países da Europa, na primeira década do século XX – aqui pode-se incluir os movimentos do norte italiano, da Hungria, entre outros – a tentativa revolucionária alemã se destaca. Para os bolcheviques, o sucesso da revolução socialista no território alemão era indispensável para a construção do socialismo na Rússia e no restante do mundo. O internacionalismo proletário estava em jogo.

Em janeiro de 1918, um grande movimento grevista toma conta da Alemanha. Cerca de 1 milhão de operários parou de trabalhar em nome do fim da guerra. A partir desse momento, o império alemão viverá tensões internas insolúveis. Os sinais de desgaste do exército, do poder político e da economia, ficavam cada vez mais explícitos. No dia 9 de novembro eclode em Berlim uma greve geral. O imperador, não suportando a pressão renuncia. A República é decretada e o partido social-democrata assume o governo com respaldo do exército.

Em termos gerais, o fim do absolutismo alemão, não foi marcado por um processo de grandes lutas. Na verdade, ele já estava bastante frágil, restando pouco a fazer, senão aceitar a realidade.

Todavia, para os membros revolucionários da social-democracia alemã, vinculados a Liga-Spartakus, o fim do império não significou o surgimento de um regime socialista. Muito pelo contrário, a Alemanha ainda era um Estado democrático-burguês. As estruturas sociais não foram alteradas. O capitalismo e a propriedade privada nem só por um momento foram tocados. A fundamental conquista, vista pelos spartakistas, condizia com o fortalecimento dos operários. Organizado nos Conselhos de Operários e de Soldados (COS), o movimento popular da Alemanha despontava como um sinal da revolução socialista. Mesmo tendo inspiração nos soviets russos, os COS possuíam suas

particularidades. Ao contrário dos soviets, o Conselho de Operários e de Soldados da Alemanha não tinham nenhuma liderança partidária legitimada. Neles conviviam elementos burgueses e socialistas, reformistas e revolucionários. No entanto, ideologicamente, a corrente majoritária e moderada da social-democracia era a mais influente, ao contrário dos spartakistas. Aliás, em geral, a extrema esquerda não tinha muito respaldo junto às massas trabalhadoras.

Mesmo tendo em mãos um poder suficiente para construir uma forma de Estado, os COS não vislumbravam tal possibilidade, pois a ampla penetração das idéias moderadas da ala majoritária da social-democracia a impedia. Esta corrente afirmava ser apenas transitória a existência dos COS, pois logo que fosse atingindo o principal objetivo da revolução, ou seja, a república parlamentar, os conselhos seriam extintos. Em oposição aos COS, os interessados no regime democrático-burguês elegeram a Assembléia Nacional como a mais adequada forma de representação. Para eles, os conselhos poderiam se tornar muito violentos, ao ponto de ameaçar a ordem democrática.

Alguns grupos de esquerda, entre eles os spartakistas, no entanto, defendiam ao contrário, a palavra de ordem "Todo o poder aos conselhos". Nos dois primeiros meses da revolução tais palavras não foram ouvidas pelas classes populares. A influência desses grupos nas multidões, era bastante debilitada. Com medo da radicalização, a burguesia alemã assinou, em 15 de novembro, um acordo reconhecendo diversos direitos para os trabalhadores.

Da mesma forma que na Rússia, surge na Alemanha a dualidade de poderes: de um lado a Assembléia Nacional, de outro os Conselhos de Operários e de Soldados. A extrema esquerda assumiu o segundo como forma de governo. Aqui se encontra Rosa Luxemburg que, depois de algumas alterações em suas análises, passou a enxergar o poder parlamentar de uma outra forma.³ Sua defesa a favor dos Conselhos, insistia que apenas eles representavam a verdadeira democracia e apontavam para o socialismo e o futuro.

Para assegurar e aprofundar a revolução operária, a Liga Spartakus preconizava o desarmamento da polícia e do exército da classe dominante, e a construção de milícias do

³ No momento da Revolução Russa, Rosa Luxemburg desferiu várias críticas aos bolcheviques por dissolverem o Parlamento legal, em nome dos soviets, denunciando-os como anti-democráticos.

proletariado. Contra as difamações da imprensa contra-revolucionária de direita e da social-democracia majoritária, os spartakistas lutaram a todo o custo. Com um discurso maniqueísta, entre ordem ou desordem, terror ou paz, buscavam jogar, contra os revolucionários, a população insatisfeita. O debate sobre a Assembléia Nacional *versus* Conselhos, agrupava três posições:

[...] a primeira defendida pelos majoritários reconhecia os COS como órgão revolucionários transitórios, que se dissolveriam com a instalação da AN; a segunda, dos independentes moderados, defendia o adiamento da AN, o que permitiria aos conselhos permanecerem por um tempo determinado para realizar as tarefas revolucionárias, ou quando a revolução acabasse, deviam permanecer como representantes dos interesses dos trabalhadores; e a terceira, dos spartakistas, delegados revolucionários e ala esquerda dos independentes, rejeitava a AN e defendia o governo dos conselhos como a mais alta forma de democracia social. (LOUREIRO, 1995, p. 153).

Todavia, no 1º Congresso Nacional dos Conselhos de Operários e Soldados, reunido em Berlim de 16 a 21 de dezembro de 1918, a proposta da extrema esquerda, foi amplamente derrotada: com 344 votos a favor da Assembléia Nacional, e 98 em nome dos COS. “O Congresso significou um clara vitória do SPD e a derrota da esquerda radical...” (Idem, p.154) Constatou-se a partir disso que os COS ainda estavam carregados de um pensamento submisso, tirando de suas mãos a chance de decidirem sobre o futuro. A sintonia dos trabalhadores com a corrente moderada do Partido Social-Democrata era muito forte.

Os revolucionários em finais de dezembro de 1918, diziam que a primeira fase da revolução, a política, já estava consumada. Restava, agora, agir em direção de sua superação social. Entretanto, reconhecia-se também que o proletariado alemão não estava *ainda* preparado para a tarefa de construir o socialismo. A educação das massas se tornava prioritária. Uma vez vitorioso o projeto de consolidação da Assembléia Nacional, dever-se-ia utilizar sua tribuna para a defesa dos conselhos.

Nesse momento, o extremismo tomou conta de boa parte dos membros do já fundado Partido Comunista Alemão (KPD). Contra isso, Rosa Luxemburg, após rever a situação, diz o seguinte a um interlocutor:

As eleições representam um novo instrumento da luta revolucionária. Você permanece preso aos velhos modelos. Para você existe apenas o Parlamento do Reichstag alemão. Você não consegue imaginar a utilização desse meio em sentido revolucionário. Pensa você: ou bem metralhadoras, ou bem parlamentarismo. Nós queremos um radicalismo um pouco mais refinado. Não apenas esse grosseiro [...] É mais confortável, mais simples, porém uma simplificação que não serve para a formação, nem para a educação das massas. (LOUREIRO, 1995, p.159-160).

A confiança na revolução socialista, no entanto, estava em todos do KPD, restava saber a hora certa de agir. E foi com esse sentimento que iniciaram o ano de 1919.

Em resposta ao afastamento de um importante membro da extrema esquerda (4 de janeiro), do cargo de chefia da polícia berlinense, o comitê central do KPD decidiu organizar uma grande manifestação. Na manhã do dia 5 de janeiro milhares de trabalhadores já estavam nas ruas. A grande manifestação, superou de longe as expectativas das lideranças. Entretanto, devido ao excesso de deliberações do comando de organização, a grande quantidade de operários ficou sem discurso, ou seja, os dirigentes sindicais e partidários não foram aos palanques manifestar suas idéias. A excessiva espera esfriou os ânimos da multidão.

Tendo diante dos olhos um número tão alto de trabalhadores nas ruas, a idéia da tomada do poder reacendeu na cabeça de alguns dirigentes. Imbuídos de um latente otimismo, os revolucionários se prepararam para a luta aberta. Convocaram uma nova manifestação no dia 6, “porém, no decorrer desse dia acabaram-se as ilusões da véspera: os operários de Berlim estavam preparados para greves e manifestações, não para a luta armada.” (LOUREIRO, 1995, p.167). Nessa ação venceram os interesses do governo. A contra-ofensiva foi decisiva. Já em 8 de janeiro, com o rompimento das negociações – visando um acordo dos lados antagônicos – as tropas do governo e o lumpem-proletariado, decididos a tudo, agem brutalmente contra os revolucionários. Em poucos dias a tentativa de insurreição seria completamente destruída. Alguns anos depois (1923), novas ações insurgentes sucederam na Alemanha, no entanto, sem vitória.

Considerações

Com esse desfecho, o cenário internacional ficou bastante nebuloso para os revolucionários russos, pois ficaram como uma ilha, cercados de inimigos por todos os lados. A possibilidade de se construir uma corrente socialista na Europa, ficava cada vez mais distante. Os bolcheviques foram obrigados a debater sobre as dimensões por essência do socialismo. Com a interrogação "é possível o socialismo numa só nação?", eles debateram e colocaram em declínio a unidade do Partido Comunista. (MEDVEDEV, 1986)

Essa derrota mostrou que a luta via eleições era a única fórmula política compreendida pelo movimento operário da Alemanha. E isso certamente dificultou a ação armada dos comunistas.

Portanto, o fracasso do movimento revolucionário alemão de 1919, indica que os princípios de luta predominantes tanto entre os social-democratas, quanto entre os operários, ainda obedeciam as formas de luta teorizadas por Lassalle. Afinal, o socialismo que este autor defendia, tinha como destaque um Estado democrático e de direitos para o povo alemão, nada além. O proletariado deveria apenas participar do Estado, sem qualquer intuito de destruí-lo, ou superá-lo. O Estado, segundo afirmava, deveria ser o regulador social, a partir dele que os trabalhadores conquistariam seus benefícios. Sob esta ótica, os operários lutaram e os objetivos de se chegar ao socialismo, visando o fim do Estado burguês de direitos, foram destruídos. Toda essa penetração das idéias lassalleanas, no interior do movimento proletário da Alemanha, contribuiu tanto para o isolamento da revolução soviética, quanto para inviabilidade da revolução mundial. Com isso, todo o movimento comunista do século XX ficou fragilizado e quem acabou demonstrando força foi o capital.

De certo modo, as idéias de Lassalle ganharam um alto grau de difusão através do Partido Social-Democrata Alemão. E isso, por sua vez, foi decisivo para que seu pensamento fosse implícita ou explicitamente incorporado por grande parte do movimento operário do século XX, e por que não do início desse século XXI?

Referências

- JAURES, J. *Los origenes del socialismo aleman*. Barcelona: Cultura Popular, 1967.
- LASSALLE, F. *Que é constituição?* Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.
- LENIN, V. *Imperialismo fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1979.
- LOUREIRO, I. M. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: UNESP, 1995.
- MACKENZIE, N. *Breve história do socialismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MARX, K. *Crítica ao programa de Gotha*. São Paulo, 2002. Disponível em: www.culturabrasil.pro.br/gotha.htm Acesso em: 29 abr. 2002.
- MEDVEDEV, R. A. O socialismo num só país. In: HOBBSBAWM, E. J. (Org.) *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. v. 7.

ARTIGO RECEBIDO EM 2004